

Uma Máquina De Imagem De Ordem Seis Na Perspectiva De Philippe Dubois¹

Luis Fernando FRANZOLOSO²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Quem pode imaginar um mundo sem imagens? Ou ainda, quem pode se relacionar com o mundo, hoje, sem as imagens técnicas? As imagens, de todas as formas e naturezas, fazem parte da história da humanidade. Elas habitam desde as paredes das cavernas milenares até o imaginário mais íntimo de cada ser. Somos povoados e atravessados por imagens ao ponto de Joan Fontuberta (2014) classificar nossa espécie não mais como *homo sapiens* e sim como "*homofotográficos*". Para o pesquisador francês Philippe Dubois (2004) toda imagem, mesmo a mais antiga, reclama uma tecnologia (de produção ao menos, por vezes de recepção), "pois pressupõe um gesto de fabricação de artefatos por meio de instrumentos, regras e condições de eficácia, assim como de um saber." (DUBOIS, 2004, p. 31-32). Pensar as imagens tem sido um desafio cada vez mais complexo, sobretudo devido ao aumento da produção das mesmas, causado sobretudo pela acessibilidade e facilidade de uso dos dispositivos tecnológicos. As transformações das máquinas de imagens se reconfiguram de tempos em tempos, e foram ordenadas por Philippe Dubois em uma escala de um a cinco, conforme alguns aspectos particulares de cada uma, observados pelo autor. Seguindo o pensamento de Dubois, o presente trabalho tem como objetivo olhar para o Instagram (para além de uma rede social) como uma máquina de imagem de sexta ordem. Dentre as máquinas de imagens a fotografia parece ser uma das mais afetadas a partir de sua desmaterialização e consequente circulação na Rede. Cabe aqui dar um passo em direção às potencialidades e problemáticas que se instauram neste contexto das imagens técnicas. As máquinas de imagens são tão arcaicas e diversas que este trabalho não pretende fazer um levantamento histórico e detalhado acerca de todas as suas formas e

¹ Trabalho apresentado na DT 04 - Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutorando do Curso de Comunicação da UNISINOS, email: lufffoto@gmail.com.

desdobramentos, mas compreende-se que "qualquer novo meio tecnológico introduz mudanças de escala, velocidade e padrão nas atividades humanas". (FISCHER, 2013, p. 49), ficando evidente que em cada época histórica em que apareceram, estas tecnologias de imagens sempre foram vistas como novidades (DUBOIS, 2004, p. 33). A classificação das máquinas de imagem tratadas neste texto parte dos estudos do pesquisador Philippe Dubois. Outros autores podem ter classificações diferentes, sendo que não se pretende aqui esgotar o assunto quanto a ordem, qualidades, usos ou quaisquer teorias outras, e sim pensar em uma continuidade dos processos e práticas das máquinas de imagem na atualidade. Basicamente Dubois (2004) diferencia as máquinas de imagem por seus tipos, usos e funções e as ordena em cinco categorias. A primeira delas, que Dubois (2004) chama de máquina de ordem um, seria uma máquina puramente ótica, como a já citada anteriormente, e talvez mais conhecida, câmara obscura (e suas variações de grafia), a portinhola ou a *tavoletta*, por exemplo. Conforme o autor essa é uma máquina do tipo "pré-configuração" (DUBOIS, 2004, p. 36) pois intervém anteriormente a formação propriamente dita da imagem, funcionando como uma condição prévia na organização do olhar, facilitando assim a apreensão do real. Já com o advento da fotografia, classificada por Dubois (2004, p. 38) como uma nova máquina de ordem dois, surge um novo patamar de maquinação da figuração. A máquina de ordem dois não apenas pré-visualiza o objeto, a paisagem, o mundo, como anteriormente fazia na antiga máquina ótica, de ordem um. A máquina de segunda ordem continua a fazer o que antes fazia a de primeira ordem, ou seja, captura, prefigura e organiza a visão e vai um passo adiante, passando também a inscrever a imagem (DUBOIS, 2004, p. 38). A fotografia é a pré-cursora do cinema, também conhecido como fotografia em movimento, pois são fotogramas que se movem a uma velocidade tal que reproduzem a sensação de imagem em movimento. É precisamente com o aparecimento do cinematógrafo, já no final do século XIX, que o maquinismo das imagens avança para uma terceira etapa, cumprindo uma etapa complementar, que Dubois (2004) atribui como a etapa da visualização. Assim, agora "Uma máquina de ordem três vem assim se acrescentar às duas outras". (DUBOIS, 2004, p. 43). Fica claro até aqui que cada máquina não suprime as precedentes, como atenta Dubois (2004, p.

45), mas sim se acrescentam de forma suplementar às antecessoras. A nova máquina de ordem três, o cinematógrafo, introduz um novo aspecto colocado por Dubois (2004, p. 43): a recepção do objeto visual. Como consequência, somente é possível ver as imagens geradas pela máquina de terceira ordem, ou seja, as imagens do cinema, por intermédio das máquinas, como bem coloca Dubois, isto é, "no e pelo fenômeno da projeção". (DUBOIS, 2004, p. 43). Avançando para o século XX encontra-se a máquina de ordem quatro: a televisão. A imagem agora é capturada pela ótica das câmeras, não sendo mais projetada, como anteriormente no cinema, mas sim transmitida. A transmissão de imagens a distância, "ao vivo e multiplicada" (DUBOIS, 2004, p. 46) passa a ser a nova forma de ver imagens (DUBOIS, 2004, p. 46). São imagens que ganham em potência, chegando pouco a pouco aos lares das famílias espalhadas pelo mundo, abrindo "a porta à ilusão (simulação) da co-presença integral". (DUBOIS, 2004, p. 46). Essa máquina de ordem quatro foi dominante a partir da metade do século XX e transformou a sociedade em muitos aspectos. Essa sociedade é o espectador que, de acordo com Dubois (2004), foi transformado numa "espécie de fantasma indiferenciado" (DUBOIS, 2004, p. 46), passando a ser "um número, um alvo, uma taxa de audiência: uma onipresença fictícia, sem corpo, sem identidade e sem consciência". (DUBOIS, 2004, p. 47). Após as máquinas de projeção e de transmissão uma "última tecnologia" (DUBOIS, 2004, p. 47) vem complementar a ordem das máquinas na classificação de Dubois. Essa máquina de ordem cinco surge nas últimas décadas do século xx tendo um impacto histórico tão importante quanto o das precedentes. "Trata-se da imagem informática, também chamada de imagem de síntese, infografia, imagem digital, virtual etc". (DUBOIS, 2004, p. 47). As máquinas de imagem de ordem um - máquinas óticas -, ajudaram a direcionar o olhar, enquanto a fotografia, máquina de ordem dois, desenvolveu-se sob o princípio da câmera obscura e da ótica (máquinas anteriores), ocupando-se em fixar quimicamente, em um suporte físico e relativamente estável, as imagens refletidas dos objetos do mundo atravessadas pelo aparelho, em uma corrida pela conquista do instantâneo. Com o cinematógrafo e o cinema, colocando as imagens de ordem dois em movimento, a terceira ordem das máquinas de imagem ampliou o imaginário, projetando novas experiências de ver e sentir as coisas. Já a

televisão - máquina de ordem quatro - como descrito anteriormente, leva a imagem para além das telas do cinema, e passa a transmiti-las aos lares das famílias com capital para adquirir essa nova máquina. Classificada com máquina de ordem cinco, a infografia coloca em cheque (ao menos para autores com Dubois) a própria existência da imagem. Uma máquina de imagem que confronta a própria imagem. Em síntese, cronologicamente, a imagem passa por máquinas: de visão/visualização, de fixação, de movimento, de transmissão e de desmaterialização. A nova máquina de imagens de sexta ordem, proposta aqui como o *Instagram*, é uma máquina que sintetiza todas as anteriores. Essa máquina de ordem seis tem como principal força na circulação e no compartilhamento das imagens. As máquinas de imagens têm participado cada vez mais dos processos comunicacionais em que os atores sociais as utilizam para se relacionarem com o mundo. As potencialidades das máquinas de imagens são tamanhas que não seria suficiente discutir todas aqui. O presente trabalho procurou dar sequência aos estudos propostos por Philippe Dubois, ampliando sua classificação na ordem das máquinas de imagens, propondo apontar uma nova máquina, que seria de sexta ordem, conforme apresentado: o *Instagram*. Da simplificação na usabilidade à complexidade dos processos gerenciados por cada ordem maquina, a clareza por criticar a imagem técnica vem acompanhada pela dificuldade em tornar a caixa preta em caixa transparente. Como se sabe, para Flusser (1985), o aparelho fotográfico é o primeiro e mais simples de todos, o mais transparente. O fotógrafo seria o primeiro "funcionário" do aparelho, o mais puro e o mais acessível de ser analisado (FLUSSER, 1985). Já o smartphone seria o último, o mais impenetrável e o relativamente menos transparente de todos os aparelhos (FANFA; GRIPP, 2020, p. 196). Alguns autores sugerem a necessidade de tornar a caixa transparente para que possam ser feitas críticas à imagem técnica (FANFA; GRIPP, 2020, p. 193). Os esforços por tornar a caixa/máquina transparente parecem ser um desafio cada vez maior aos pesquisadores e merece maior aprofundamento e discussão. As máquinas de imagens estão em constante desenvolvimento e afetam em profundidade as maneiras como vemos, como somos vistos, como nos comunicamos, como experienciamos as coisas, como afetamos e

somos afetadas pelas imagens, como criamos narrativas visuais, como nos relacionamos com a memória, enfim, como construímos um mundo possível.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; Instagram; imagem; dispositivo; máquina.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. Em busca de uma nova estética. In: ARANTES, Priscilla. **@rte e mídia:** perspectivas da estética digital. São Paulo: Senac, 2005.

BELLOUR, Raymond. A dupla hélice. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-Máquina:** a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Victa de. O Dispositivo na Arte Contemporânea: relações entre cinema, vídeo e mídias digitais. Rio de Janeiro: ECO-Pós/UFRJ, 2008. **Tese de Doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro**, ECO-Pós/UFRJ, 2008. Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=9>. Acesso em: 05 mar. 2022.

DUBOIS, Philippe. Da imagem-traço à imagem-ficção: O movimento das teorias da fotografia de 1980 aos nossos dias. **Revista Discursos fotográficos**, Londrina, v.13, n.22, p.31-51, jan./jul. 2017.

DUBOIS, Philippe. Máquinas de imagens: uma questão de linha geral. In: DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e o acaso. **Dissertação de Mestrado.** Campinas: Departamento de Multimeios, Instituto de Artes da Unicamp, 1994.

FANFA, Mauricio de Souza; GRIPP, Phillip Dias. Um mundo de coisas mais competentes que nós: abrindo caixas pretas através de uma semiótica material em Vilém Flusser. **Revista Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 51, p. 185-202, Edição Especial Dossiê Flusser: 100 anos. 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/103684/59572>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

FISCHER, Gustavo. Tecnocultura: aproximações conceituais e pistas para pensar as audiovisualidades. In: KILPP, Suzana; FISCHER, Gustavo (org.). **Para entender as imagens:** como ver o que nos olha? Porto Alegre: Entremeios, 2013.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FLUSSER, Vilém. Linha e Superfície. In: **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONTCUBERTA, Joan. Por um manifesto pós-fotográfico. **Revista Studium**, n. 36, p.118-130, Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/36/Studium_36.pdf>. Acesso em: 20 out. 2014.

HUHTAMO, Erkki. Elementos de Screenologia: em direção a uma arqueologia da tela. *Revista de Audiovisual Sala 206*, Vitória, n. 03, p. 1-50, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sala206/article/view/6228>>. Acesso em: 13 set. 2021.

KRAPP, Peter. FISCHER, Gustavo. Cultura digital entre distribuição e remix. **Revista Fronteiras-estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 2, p. 2-11, 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/wFile/fem.2020.222.01/60747935>>. Acesso em: 19 abril 2022.

LEMOS, André; DE SENA, Catarina. Mais livre para publicar: efemeridade da imagem nos modos “Galeria” e “Stories” do Instagram. **Revista Mídia e Cotidiano**. Artigo Seção Temática, Volume 12, Número 2, agosto de 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/10035/8493>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

LOPES, Tiago; MONTAÑO, Sonia; KILPP, Suzana. Montagem espacial e potencialidades do audiovisual locativo no cenário urbano. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-11, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1468>. Acesso em: 22 out. 2021.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. São Paulo: Papyrus, 1997.

MANOVICH, Lev. Banco de dados. Tradução de Camila Vieira. **Revista ECO-Pós**, v. 18, n. 1, p. 7-26, 2015. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4403037/mod_resource/content/1/O%20banco%20de%20dados.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2021.

PARENTE, André. Cinema em trânsito: do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo. In: PENAFRIA, Manoela; MARTINS, Índia Mara. **Estéticas Do Digital**. Lisboa: LabCom, 2007.

PARENTE, André. Os paradoxos da imagem-máquina. In: **Imagem máquina**: a era das tecnologias do virtual. PARENTE, André (org.). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PARENTE, Andre. **O virtual e o hipertextual**. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Passagens da imagem: pintura, fotografia, cinema, arquitetura. In: PARENTE, André (org.). **Imagem-Máquina**: A era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

PICADO, Benjamim. Sobre/Pelo/Contra o Dispositivo: revisitando a arché da fotografia. **Revista MATRIZES**, ano 4, nº 2 jan./jun. 2011 - São Paulo - Brasil – p. 165-181.

SANZ, Claudia. Quando o tempo fugiu do instantâneo. **Revista Studium**, n. 32, 2011. Disponível em: <https://www.studium.iar.unicamp.br/32/Studium_32.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfred. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. O segundo clique da fotografia. Entre o registro do instante e instante compartilhado. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1924-1.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2021.